

## UM ESTUDO MORFO-HISTÓRICO EM CIRCUNFIXOS DO PORTUGUÊS

Caio Cesar CASTRO DA SILVA\*

*ABSTRACT: We intend to analyse the morphological process of word formation called circumfixation. The main hypothesis for this work is about the unproductiveness of the circumfix /a...ecer/. The database for this study is composed of words from dictionaries and spontaneous speech. We shall give evidences of this crystallization by searching words in etymological dictionaries and mapping the multiplicity of meanings in a radial network. Besides, we will show how the old formations still remains in language by semantic change. Using some discourses texts, we will stablish cognitive metaphor to explain the relationship between the old senses and the most recent ones.*

*KEYWORDS: circumfixation, polysemy, metaphor*

### 1. Introdução

Neste trabalho, pretendemos nos debruçar sobre a questão da parassíntese, que é um processo de formação de palavras do português formador de palavras como *amadurecer*, *abastecer*, *enlouquecer* e *empobrecer*. Como é um processo que foge aos padrões clássicos de formação, ao contrário da sufixação e da prefixação, em que há um afixo se anexando a uma base, torna-se possível mais de um método de investigação.

Observaremos, então, duas dessas propostas – nomeadamente a hipótese do sufixo zero e a hipótese da circumfixação – que dividem gramáticos e especialistas em morfologia derivacional.

Empreenderemos, também, uma análise histórico-semântica de duas construções parassintéticas: /a...ecer/ e /eN...ecer/. O exame dos dados das amostras coletadas em dicionários da língua portuguesa permitiu levantar algumas hipóteses que pretendemos discutir ao longo da exposição. Mais especificamente, buscaremos comprovar por meio de evidências morfológicas, históricas e semânticas que uma das construções haveria se fossilizado, enquanto a outra teria se mantido produtiva no percurso da língua.

Para alcançarmos nossos objetivos, foram aplicados testes de aceitabilidade em falantes da faculdade de Letras da UFRJ, bem como foi analisada a polissemia das palavras com base nos postulados da teoria da metáfora.

### 2. A parassíntese

A parassíntese é, tradicionalmente, definida como a anexação simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base (CUNHA & CINTRA, 2007; ROCHA LIMA, 2008; CAMARA JR., 1975). Dessa forma, vocábulos como *amanhecer* e *emparedar* são analisados como nos moldes em (a):

- (a) a + manhã + ecer → amanhecer  
e/N/ + parede + ar → emparedar

---

\* Aluno de Mestrado em Língua Portuguesa: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Percebemos, a partir das estruturas em (a), que o fator simultaneidade é aplicado com a adjunção dos afixos à base em um nível, e não em dois. Esse fator distingue formas como as citadas em (a) de outras como *prefixar*, em que o prefixo e o sufixo não são incorporados à base ao mesmo tempo (*prefixo ~ fixar*).

A simultaneidade, segundo Valente *et alli* (2009), parece também ser o único ponto acordado na descrição do processo entre os autores da tradição gramatical e os da literatura especializada. As análises estabelecidas pelos teóricos, contudo, divergem nos demais pontos (como se há ou não um sufixo nos verbos terminados em *-ar*), gerando, por vezes, contradições. Surgem, assim, algumas possibilidades de análise da derivação parassintética:

- (b) considerar que, na maioria dos verbos de 1ª conjugação (*apaixonar, encarar*), haveria um espaço vazio no lugar do sufixo, ou um sufixo  $\emptyset$  (ao contrário dos verbos de 2ª conjugação (*entristecer*)); e
- (c) considerar que os vocábulos se formam não a partir da anexação de prefixos e sufixos, mas de morfemas descontínuos, que se separariam para a inserção da base.

Nas próximas seções, observaremos as três possibilidades apresentadas, tecendo considerações sobre cada uma delas, sobretudo com um maior destaque para a análise (3), que parece dar o melhor tratamento ao processo. Nossas amostras foram colhidas nos dicionários eletrônicos Houaiss (2001) e Aurélio (2004) e contém 452 verbos parassintéticos, formados a partir das construções a-X-ar, e/N/-X-ar, es-X-ar, a-X-ecer e e/N/-X-ecer.

### 3. A hipótese do $\emptyset$

Alguns autores, no âmbito da literatura especializada, propõem que a maioria dos verbos parassintéticos de 1ª conjugação, i.e., com a terminação em *-ar*, não apresentam constituinte sufixal. Os verbos que apresentam a terminação *-ejar* seriam a exceção. Os verbos de 2ª conjugação também não se encaixariam nesse paradigma, porque apresentariam o sufixo *-ec*. Observemos em (d) e (e) os exemplos:

- (d) *enrouquecer* (e/N/- + rouco + *-ec* + *-e* + *-r*)  
*esbravejar* (es- + bravo + *-ej* + *-a* + *-r*); e
- (e) *acostumar* (a- + costume + ... + *-a* + *-r*)  
*encarar* (e/N/- + cara + ... + *-a* + *-r*)

Os itens em (d), de acordo com Carone (1994) e Villalva (2000), demonstram haver dois sufixos (*-ec* e *-ej*, respectivamente) responsáveis pela derivação parassintética. No entanto, os exemplos em (e) apresentariam um problema para a descrição morfológica, visto que o sufixo estaria ausente. No caso, as autoras propõem uma posição sufixal vazia seguida da vogal temática e do morfe de infinitivo, que é apenas uma forma de citação. Haveria, pois, dois tipos de parassíntese no português: uma derivacional, como em (d), e outra flexional, como em (e).

A análise, contudo, fere alguns princípios básicos da parassíntese, o que ocasiona algumas incoerências. Primeiramente, o processo exige um prefixo e um sufixo para formar vocábulos. Nos moldes da proposta anterior, verbos seriam formados unicamente a partir do prefixo, o que é discutível; a mudança categorial é, via de regra, de responsabilidade dos

sufixos<sup>1</sup>. Sobre isso, Basílio (1993: 303) diz que *essa generalização (...) é uma característica geral dos prefixos, nas mais variadas línguas, embora não absoluta*. Em segundo lugar, o critério simultaneidade não poderia ser aplicado, uma vez que não ocorreria a inserção de elemento final derivacional. Acrescentemos ainda, não haver explicação para o surgimento de uma vogal temática verbal, nos exemplos em (e), já que não houve mudança de classe gramatical (N → V), pois, como dissemos acima, esta é uma propriedade do sufixo.

Monteiro (1987) sustenta uma hipótese semelhante à apresentada anteriormente, com pequenas reformulações. O autor aponta para o fato de que nas formações típicas de (e) um sufixo Ø ocupa a posição do sufixo derivacional (esfarelar → es + farelo + Ø + a + r). Nesta interpretação, o princípio que determina um prefixo e um sufixo para toda construção parassintética é satisfeito, e, por consequência, o critério de simultaneidade, já que há um prefixo e um sufixo.

Se por um lado, Monteiro repara a contradição de se interpretar uma posição de sufixo vazia, por outro recorre a um artifício teórico de característica flexional para solucionar o problema.

O zero morfêmico é, nas palavras de Bybee (1985: 4), *um tipo de distúrbio no mapeamento de um-para-um entre som e significado*. Em *esbravejar*, por exemplo, verifica-se uma partícula entidade fonética, mais especificamente *-ej*, portadora de significado, enquadrar uma forma nominal na categoria verbal. Já em *apaixonar*, segundo Monteiro, haveria um zero morfo-fonético, já que não há uma partícula morfêmica, nem o som correspondente.

Ainda sobre o zero, Bybee e Gonçalves (2005) assinalam que é um artifício utilizado para tentar uniformizar as descrições estruturais. Por isso mesmo, está vinculado a categorias mais básicas e não-marcadas da língua. No português, aparece com frequência no gênero masculino, no número singular, na terceira pessoa do singular e no tempo presente. Como afirmam Valente *et alli* (2009: 6),

essas categorias não possuem representação fonética por seu caráter mais genérico, o que é comum nas línguas do mundo. Além disso, esses significados gramaticais tendem a se manifestar via flexão, o que leva à proposição de um morfe Ø apenas para a morfologia flexional

Aplicar o zero, que tem forte valor gramatical, à derivação é um risco, uma vez que a toda entidade sem valor morfológico e sem representação fonética seria possível postular um morfe Ø. Por essas razões, a hipótese (2) não se confirma.

Em (e), a terminação *-ar* é responsável por reenquadrar, nos termos propostos por Nascimento (2006), a base nominal na categoria verbal. Assim, pela anexação da construção a-X-ar e e/N/-X-ar temos, respectivamente, *acostumar* [a [costume]<sub>N</sub> ar]<sub>V</sub> e *encarar* [e/N/[cara]<sub>N</sub> ar]<sub>V</sub>. Como indica Basílio (1993), *-ar* é um sufixo derivacional justamente por fazer a mudança de classe. Além disso, apresenta a propriedade flexional resguardada na vogal temática.

#### 4. A hipótese da circunfixação

A respeito da hipótese (3), autores como Lopes (2003), Silva & Koch (2005) e Henriques (2007) focalizam o critério de simultaneidade como um traço decisivo na descrição estrutural da derivação parassintética. Justamente por prefixo e sufixo não poderem estar

<sup>1</sup> Rocha (2008: 154) cita alguns exemplos raros de mudança categorial por prefixos em vocábulos cristalizados, como *inglório* (*in + glória*) e *prefixo* (*pré + fixo*).

ausentes do processo, a ligação entre as partes torna-se um traço marcado. Os autores propõem que as frações sejam, então, compreendidas como circunfixos.

Circunfixos são morfemas descontínuos, em que a unidade de expressão é desmembrada para a inserção de uma outra forma (GONÇALVES, 2005). As partes representativas do morfema aparecem no início e no fim de cada forma gerada. Observe no esquema da Figura 1 como se dá a formação de *amolecer* a partir da circunfixação:

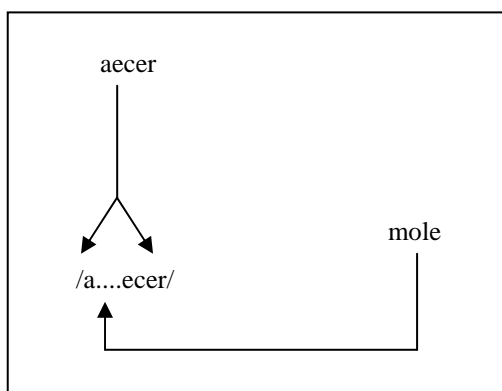


Figura 1: formação circunfixal de *amolecer*

Há vantagens tanto morfológica, quanto semântica na adoção da hipótese (3). Bechara (2009) e Kehdi (1999) afirmam que é um traço dos prefixos, geralmente, se coadunarem a verbos ou a adjetivos, como em (h) e (1), respectivamente:

- (f) (h) *refazer, deter, reter, conter, pospor, sobrepor*; e
- (g) *infeliz, desrespeitoso, impensável, antiaderente*.

Poucos são os exemplos de prefixos que se anexam a substantivos. Normalmente, isso se verifica com deverbiais (*desempate, retorno*). Entretanto, com base no nosso *corpus* de palavras coletadas em dicionários eletrônicos, ao analisarmos a distribuição categorial das bases que entram na derivação parassintética, observamos que há uma predominância de substantivos em relação a adjetivos (gráfico 1).

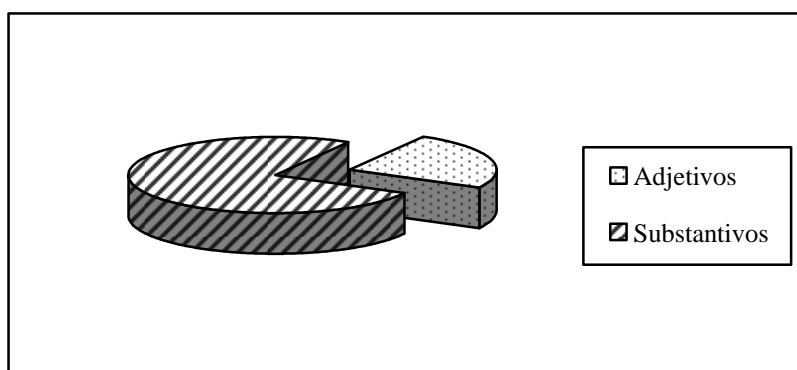


Gráfico 1: distribuição categorial das bases

No gráfico acima, percebemos que o percentual de substantivos (pizza listrada), com 75,66%, é bem mais expressivo do que o de adjetivos (pizza pontilhada), com 24,34%, num total de 452 dados. A seleção para bases adjetivas, em geral, se dá com as construções a-X-

ecer e e/N/-X-ecer. Isto se justifica pelo valor semântico de processo das construções estar intimamente relacionado ao traço [+ qualificador] do adjetivo.

Se, na parassíntese, os prefixos se unem a substantivos, em sua maioria, – embora teóricos afirmem que essa junção é atípica – surge o problema, do ponto de vista formal, de como lidar com os prefixos. Analisar a parassíntese com base na hipótese (3), resolve a questão de substantivos serem anexados à construção, porque a base está se unindo a morfemas descontínuos, apesar de ampliar o inventário de afixos da morfologia derivacional.

Os morfemas descontínuos também solucionam a questão do valor semântico do processo, visto que o conteúdo está expresso na totalidade, e não em uma de suas frações. Na análise tradicional, há a contradição de considerar o sufixo vazio semanticamente. Em *despudorado*, por exemplo, a terminação *-ado* indica aquele que possui o que é expresso pela base (*aquele que tem pudor*), porém o prefixo indica negação (*aquele que não tem pudor*). Num enfoque tradicionalista, diz-se que o sentido ativado é o último, mas não há uma explicação para o fato, enquanto que num exame baseado na circunfixação, ao contrário, o significado parte do todo. *Despudorado* é, assim, aquele que não tem pudor, porque o circunfixo veicula esse significado prototípico<sup>2</sup>, como em *desalmado*, *desventurado*.

De uma certa maneira, a proposta do circunfixo dá conta de todos os problemas discutidos durante o artigo, pois garante a presença do prefixo e sufixo por meio dos morfemas descontínuos e confere ao fator semântico relevância na constituição do processo.

Nas próximas seções, daremos início à análise histórica de dois circunfixos do português, /a...ecer/ e /eN...ecer/.

## 5. O corpus e hipóteses

O levantamento de dados foi feito nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio, tendo sido considerados os circunfixos /a...ecer/, formador de verbos como “amadurecer” e “anoitecer”, e /eN...ecer/, que forma verbos como “enriquecer” e “enlouquecer”. Dos 47 vocábulos encontrados, 77% eram iniciados por e/N/-, enquanto apenas 23% apresentava o prefixo a-.

Observamos, também, que muitos dos vocábulos, embora fossem formados por morfemas descontínuos diferentes, apresentavam a mesma base, como nos pares em (h). Para saber se os dois vocábulos dos pares são reconhecidos, fez-se uma consulta informal a falantes nativos do português, que revelou uma forte preferência pelos verbos iniciados por e/N/-.

(h) *abrutecer* X *embrutecer*, *abranquecer* X *embranquecer*

Os vocábulos em (h) veiculam o mesmo significado: o primeiro par significa, de acordo com o dicionário Houaiss, *tornar-se bruto*, e o segundo, *tornar-se branco*. Com base nessas informações, formulamos as hipóteses de que o não-reconhecimento de /a...ecer/ pelos falantes e sua baixa produtividade seriam indícios de fossilização morfológica, a construção /eN...ecer/, ao contrário, continuaria produzindo novos itens lexicais e os dois circunfixos seriam produtivos semanticamente, i.e., as palavras existentes no léxico passam por extensões de sentido.

Objetivando buscar indícios que corroborem as hipóteses descritas acima, serão feitas análises de dados em dicionários etimológicos do português e em textos históricos. Além

<sup>2</sup> Em *desbocado*, por exemplo, o resultado não é aquele que não tem boca, mas o indivíduo que usa linguagem inconveniente. Verifica-se aqui a extensão polissêmica motivada por processos conceituais como a metáfora.

disso, serão feitas considerações sobre os resultados de testes de aceitabilidade realizados com estudantes universitários.

## 6. Análise histórica dos circunfixos

Foram consultados alguns dicionários etimológicos, como Cunha (1999), Machado (1973), Nascentes (1955) e Silveira Bueno (1967), para confirmar a primeira datação registrada em textos escritos. Os primeiros vocábulos aparecem ainda no século XIII, enquanto os últimos são registrados no século XX. A distribuição dos itens pelo período analisado encontra-se na tabela 1, em que se verifica um período de concorrência entre os circunfixos que vai desde o século XIII ao século XVI.

Século	Frequência de /a...ecer/
XIII	6/14 = 43%
XIV	3/14 = 21%
XV	0/3 = 0%
XVI	2/3 = 67%
XVII	0/1 = 0%
XVIII	0/2 = 0%
XIX	0/6 = 0%
XX	0/2 = 0%
Total	11/ 45 = 24%

Quadro 1: datação dos vocábulos

Cabe ressaltar que não foram encontradas as datas de entradas de dois verbos (*enfurecer* e *encalvecer*). Percebe-se que, até o século XVI, o circunfixo /a...ecer/ formou novos itens, embora a quantidade de dados analisados não seja tão robusta. Ainda assim, verifica-se que a partir do século XVII nenhum novo verbo é registrado nos dicionários etimológicos, como pode ser visualizado no gráfico abaixo. Ao contrário, com o modelo /eN...ecer/ são formadas novas palavras até o século XX, como é o caso dos verbos *emburrecer* e *emputecer*, registrados nas últimas décadas do século XX.

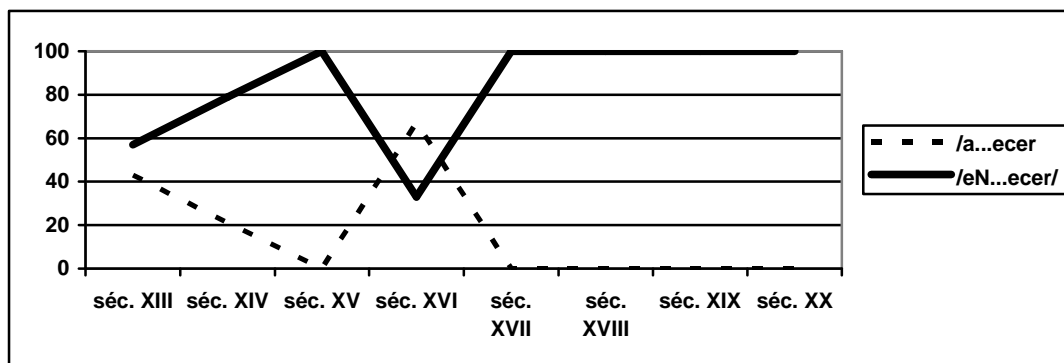


Gráfico 1: distribuição dos vocábulos nos séculos

Outro fator que ajuda a explicar a concorrência entre os circunfixos é a acepção dos prefixos. O prefixo a- tem como significado “aproximação; em direção a (base)”, enquanto o e/N/- tem o significado prototípico de “movimento sobre”, mas também pode significar “aproximação; em direção a (base)”. Todos os verbos encontrados que se assemelham aos pares em (h) são formados no período em que as construções estavam em concorrência, ou seja, entre os séculos XIII e XVI. Seguindo o Princípio da Economia Linguística, que está relacionado à simplificação das formas da língua, um dos circunfixos resistiria à força do tempo e continuaria produzindo novos vocábulos, enquanto o outro se tornaria um fóssil morfológico.

Para verificar a compreensão dos falantes do português atual, aplicaram-se testes psicolinguísticos (LIMA, 1999) a 23 informantes da Faculdade de Letras/ UFRJ. O objetivo dos testes era verificar se o falante nativo de língua portuguesa produziria palavras novas a partir da construção /a...ecer/ ou de /eN...ecer/. Foram utilizadas formas inventadas para que o léxico internalizado de cada indivíduo influenciasse o menos possível os resultados. Exemplos dessas criações são: *anerdecet/enerdecet*, *abanguelecet/ embanguelecet*, *agatecet/ engatecet*.

Os testes foram realizados individualmente para que não houvesse interferência nas respostas. Todos os entrevistados estavam cursando a graduação e tinham entre 18 e 25 anos. Foram realizados três modelos de testes para que se pudesse controlar uma maior quantidade de dados.

O tempo que o informante levava para julgar cada uma das palavras também foi contabilizado, já que evidenciaria a velocidade com que cada informação é acessada no léxico do indivíduo. Dizendo de outra maneira, espera-se encontrar um tempo menor para as formas em /eN...ecer/, já que estaria disponível para fins de produção de novos itens lexicais. A contrário, as palavras de /a...ecer/ devem apresentar um tempo maior.

Foram controladas 18 formações parassintéticas e obtiveram-se 138 respostas, no total. O comportamento de cada uma das construções parassintéticas é descrito no gráfico 2.

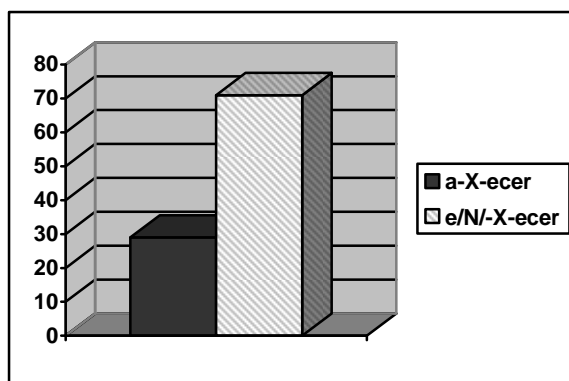


Gráfico 2: escolha dos circunfixos nos testes de aceitabilidade

Percebe-se, assim, que somente 29%, ou 40 respostas, foram para o circunfixo /a...ecer/, enquanto que /eN...ecer/ recebeu 71%, ou 98 respostas, de preferência dos informantes. O tempo médio para o processamento dos dados parassintéticos foi o seguinte: 9,2 segundos no teste 1; 8,02 segundos no teste 2; e 10,07 segundos no teste 3. O tempo médio total foi de 9,1 segundos. O tempo médio para cada construção parassintética é apresentado no quadro 2:

Tempo Médio		
	a-X-ecer	e/N/-X-ecer
Modelo 1	10,4 segundos	8,3 segundos
Modelo 2	8,3 segundos	7,8 segundos
Modelo 3	10,3 segundos	9,5 segundos
<b>Total</b>	<b>9,7 segundos</b>	<b>8,5 segundos</b>

Quadro 2: resultado do tempo em relação aos testes

Cotejando os resultados, verificamos que a média de tempo de /eN...ecer/ é bem inferior que a do outro grupo, assim como a média total de tempo revela uma grande discrepância: 1,2 segundos de diferença entre os dois dados investigados.

A partir dos resultados dos testes, pôde-se trazer à baila mais um indicativo de que a construção /a...ecer/ se fossilizou, uma vez que apresentou baixa escolha entre os falantes do português (29% contra 71% de preferência por /eN...ecer/), como também demonstrou um tempo maior de processamento cognitivo. Se fosse uma construção produtiva, teria tido resultados não tão expressivos na comparação com o outro circunfixo.

Esses resultados parecem confirmar nossa hipótese inicial. No entanto, examinaremos, a seguir, as extensões semânticas das construções pois, se houve a fossilização de um grupo e a produtividade de outro, os mapeamentos (cf. SOARES DA SILVA, 2006) refletirão essas diferenças. Agrupamos os vocábulos em campos semânticos, que serão apresentados em estruturas radiais (cf. LAKOFF, 1987). Na figura 1, demonstramos a análise de a-X-ecer.



Figura 1: rede radial de a-X-ecer

Com base no *corpus*, estabelecemos a rede radial, que consta de apenas um campo semântico, chamado de *Processo sem causador externo* (fazem parte vocábulos como *amadurecer*, *amanhecer* e *apodrecer*). O valor aspectual de processo do formativo alia-se ao fato de nenhuma das ações descritas por estas palavras serem causadas. Dito de outra forma, a passagem da noite para o dia descrita por *amanhecer* é um evento natural, sem força externa causadora. Assim como uma fruta *amadurece* naturalmente.

O estudo das palavras formadas por e/N/-X-ecer nos revelou outros campos semânticos, além do que foi postulado para a rede de a-X-ecer. Isso seria uma evidência da especialização daquela construção em face desta. Observe a estrutura radial abaixo:

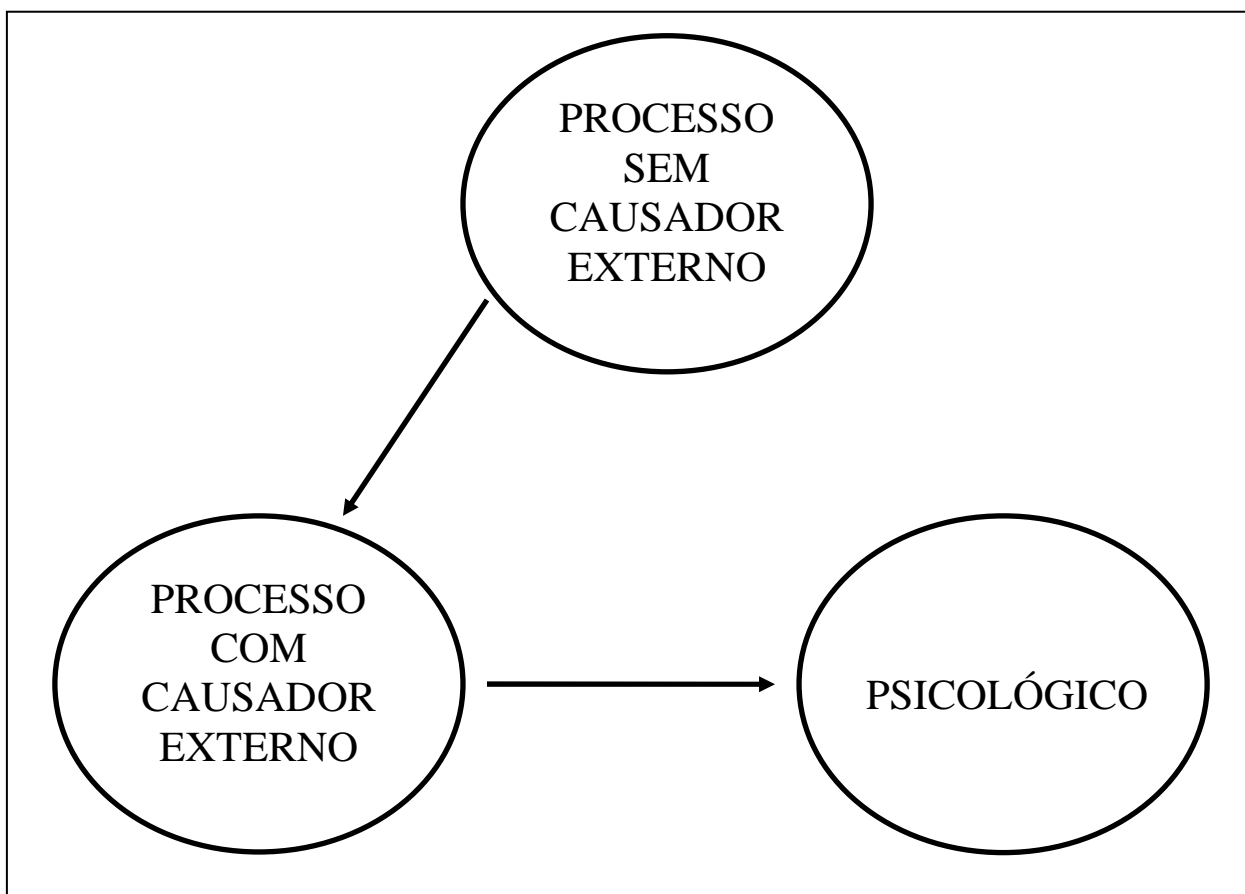


Figura 2: rede radial de e/N/-X-ecer

A rede da Figura 2 apresenta o mesmo campo semântico prototípico da rede na Figura 1: *Processo sem causador externo*. Isso é um reflexo do período em que ambas construções co-existiram. Este campo espalha-se para *Processo com causador externo*, que diferentemente do anterior, apresenta um causador. Assim, o processo de *enriquecer* pode ser causado por um roubo, por recebimento de herança, por sorteio em loteria, ou *enrouquecer* pode ter causa em gritar em um show, falar constantemente, dor de garganta, tomar gelado. Dizendo de outra forma, neste campo, os eventos descritos pelas palavras não ocorrem naturalmente.

Em seguida, a extensão se dá para o campo *Psicológico*, que apresenta os vocábulos *enlouquecer*, *empalidecer*, *embrutecer*, *enfurecer*. Observamos, então, com o mapeamento da rede, que ocorre uma conexão sistemática de um domínio mais físico para um domínio mais psicológico, ou seja, do [+ concreto] para o [+ abstrato]. De acordo com Sweetser (1990: 19), *verbos de domínios físicos freqüentemente vêm a ter significados de atos de fala e/ou estados mentais, (...) enquanto as direções contrárias de mudança não ocorrem* (tradução nossa). Essas projeções do [+ concreto] para o [+ abstrato] não são aleatórias, mas motivadas cognitivamente. Lakoff (1987, 91) afirma que “o modelo central determina as possibilidades de extensões, juntamente com as relações possíveis entre o modelo central e os modelos extensionais”. Dessa forma, o centro prototípico da rede (o campo *Processo sem causador externo*), possibilita as projeções para campos mais periféricos.

Além disso, podemos observar que a estrutura do grupo e/N/-X-ecer é polissêmica. Ainda segundo Sweetser (1990), nenhuma mudança histórica de significado pode ocorrer sem que haja um estágio de polissemia. No caso, a especialização semântica que é percebida na estrutura da figura 2 reflete a mudança histórica pela qual passou a parassíntese. Isto é mais uma evidência de que nossa hipótese primeira parece se confirmar.

## 7. A extensão de sentido: uma questão de polissemia

Para mostrar que as palavras das duas construções ainda possuem extensões semânticas, será utilizado o aparato da Linguística Cognitiva, mais especificamente a noção de metáfora e de mapeamento.

Segundo a LC, a metáfora é entendida como uma operação cognitiva fundamental, ao contrário do que postula a tradição retórica. Lakoff & Johnson (2002) propõem que a nossa linguagem cotidiana é essencialmente metafórica, oferecendo uma alternativa experiencialista às perspectivas do objetivismo e do subjetivismo. Assim sendo, as palavras apresentam, comumente, extensões de sentido que não são aleatórias, mas motivadas cognitivamente. Sob esse enfoque, toda metáfora pode ser explicada por nossas experiências corporais ou interações com o meio. O espraiamento de um domínio fonte (mais concreto) para um domínio alvo (mais abstrato) é fundamental para a estruturação semântica. Os mapeamentos de sentidos são, dessa forma, descritos por Sweetser (1990:30) como “*unidirecionais*: as experiências corporais são uma fonte de vocabulário para nossos estados psicológicos, mas não o contrário”.

Podemos, então, observar a metáfora TER CONTROLE É PARA CIMA; SER CONTROLADO É PARA BAIXO, que tem como exemplo (i), retirado do site Mídia News.

(i) Em MT, PSB ajuda a enfraquecer candidatura de Ciro.

Segundo Lakoff & Johnson (2002), inferimos que há uma competição entre dois candidatos adversários e que, nesse confronto, PSB exerce controle sobre a candidatura de Ciro Gomes. Podemos concluir que o partido se encontra em uma posição superior em relação ao candidato. Isso é estabelecido a partir de nosso conhecimento de mundo, que apresenta a questão de ter controle sobre um oponente, como estando na frente em um placar, em uma posição à frente em uma corrida ou acima, em uma luta corporal. Assim, nossa cognição atua metaforicamente e projeta esse significado para um debate, ou seja, uma competição eleitoral.

Outro exemplo é apresentado em (j), retirado do site Uol Música. Nesse caso, as ideias são conceptualizadas como entidades naturais, que podem sofrer o processo de maturação.

(j) “Eu escutei muitas músicas do Black Jones, Stevie Wonder, Michael Jackson, coisas lindas. Nós acabamos desviando a atenção de muitas coisas lindas que tinham. Eu com isto busquei amadurecer as idéias para fazer uma coisa simples e com bom gosto.” cantora Luciana Melo.

A metáfora IDEIAS SÃO ENTIDADES NATURAIS está relacionada à hipótese da corporificação, muito cara aos estudos cognitivistas. Pode-se citar Lakoff & Johnson (2002: 28) a esse respeito:

A mente seria “corporificada”, isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também “corporificada”, pois origina-se tanto da natureza de nosso

cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos.

## 8. Considerações finais

Pudemos analisar, neste trabalho, a complexidade em se adotar uma definição para a derivação parassintética, assim como observamos as propostas correntes nas pesquisas acadêmicas. Concluímos que a verificação através de morfemas descontínuos é mais adequada, tendo em vista que abarca os fatores formais e semânticos do processo.

Além disso, esperamos ter apresentado evidências de que o circunfixo /a...ecer/ se cristalizou, enquanto o outro se manteve produtivo ao longo da história da língua. No mais, ambas as construções possibilitam a atuação de processos metafóricos que ampliam as acepções de cada uma das palavras.

## Referências

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão?*. Revista D.E.L.T.A. São Paulo: vol. 9, número 2, 1993.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, Francisco. da Silveira. *Grande dicionário etimológico, prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967.
- BYBEE, Joan. *Morphology: the relations between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1985.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1994
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaturêlo Eletrônico versão 5.12*. Positivo Informática: 2004.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva: 2001.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras e Educ, 2002.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LIMA, Paula. Lenz. *Desejar é ter fome: novas ideias sobre antigas metáforas conceituais*. Tese de doutorado. São Paulo: UNICAMP, 1999.

- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia da língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-carimbos, 2003.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Fortaleza: EDUFC, 1987.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
- NASCIMENTO, Mauro José Rocha do. *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da Gramática das Construções* 2006. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- SANDMANN, Antonio José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.
- SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português*. Coimbra: Almedina, 2006.
- SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- VALENTE, Ana Carolina Mrad de Moura; CASTRO DA SILVA, Caio Cesar; GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Enfoques sobre parassíntese em português: da tradição gramatical à linguística cognitiva. In: *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br).
- VILLALVA, Alina. *Estrutura Morfológica básica*. In: *Mateus et alli*. Gramática da Língua Portuguesa. 7ª edição, 2000.

### Referências da Internet

- Site Midia News. Acessado em 25.04.10 às 14h20.  
<http://www.midianews.com.br/?pg=noticias&cat=1&idnot=22103>
- Site do UOL Música. Acessado em 03/07/2007 às 19h00  
<http://musica.uol.com.br/ultnot/2007/07/03/ult89u7727.jhtm>